

Entrevista com *Ivo da Costa do Rosário*

Por *Quezia dos Santos Lopes Oliveira* e *Cassiano Luiz do Carmo Santos*

Os estudos funcionalistas no Brasil

Quezia dos Santos Lopes Oliveira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Cassiano Luiz do Carmo Santos

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro

Ivo da Costa do Rosário

Universidade Federal Fluminense

Resumo

Nesta entrevista, o professor e pesquisador Dr. Ivo da Costa do Rosário, um dos importantes nomes brasileiros dos estudos na linha funcionalista, narra um pouco da sua trajetória profissional, da sua experiência nessa área de investigação, e comenta algumas características das pesquisas realizadas no Brasil dentro da Linguística Funcional Centrada no Uso. Ao longo desta conversa, o entrevistado responde sobre as especificidades e aplicações desses estudos, sinalizando os avanços experimentados na área nos últimos anos.

Palavras-chave: Funcionalismo. A pesquisa funcionalista.

Submetido em: 16/12/2021

Aceito em: 26/12/2021

Publicado em: 30/12/2021



Entrevistado

Ivo da Costa do Rosário



É graduado em Letras (Português, Inglês e respectivas literaturas) pela Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP-UERJ) e graduado em Pedagogia, pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Tem especialização em Docência do Ensino Fundamental e Médio (FEITA-Itaboraí), especialização em Língua Portuguesa (FFP-UERJ) e especialização em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância (LANTE-UFF). É mestre em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e mestre em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF). É doutor em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e doutor em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Concluiu pós-doutorado em Estudos de Linguagem (UFRN). Atualmente é professor associado de língua portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas e professor permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da UFF, atuando como vice-coordenador (2018-2022), docente e orientador no mestrado e doutorado. Foi coordenador do GT Descrição do Português, da ANPOLL (Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Letras e Literatura), no biênio 2019-2021. É líder do CCO (Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações) e membro do grupo D & G (Grupo de Estudos Discurso e Gramática), ambos na UFF. É avaliador do SINAES (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior), ligado ao INEP. É perito judicial cadastrado no Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro, nas áreas de Língua Portuguesa e Educação. É Jovem Cientista do Nosso Estado, pela FAPERJ - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (vigência 2019-2021). É membro da comissão científica da área de Sintaxe da ABRALIN - Associação Brasileira de Linguística. É bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq, nível 2. Atua principalmente nas seguintes áreas: funcionalismo, construcionalização, mudanças construcionais, morfossintaxe, conexão de cláusulas e conectivos.



<http://lattes.cnpq.br/3573087642345531>



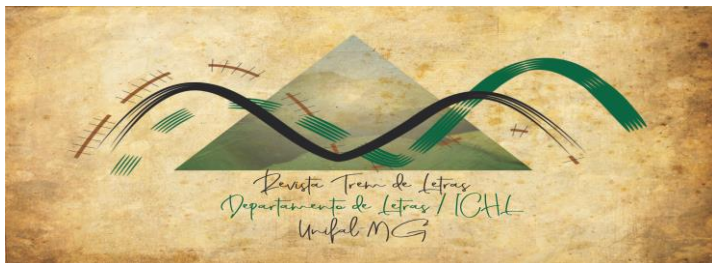
<https://orcid.org/0000-0003-1315-6787>



<https://linktr.ee/ivorosario>



[Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da UFF](#)



Entrevistadora

Quezia dos Santos Lopes Oliveira



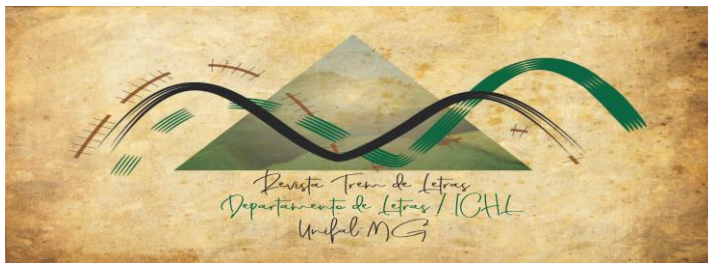
Doutora em Linguística pela UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Brasil), com bolsa sanduíche no exterior, concedida pelo programa Capes/DGPU, de 2016 a 2017, para cursar parte do doutorado na USC (Universidade de Santiago de Compostela-Espanha). Mestre em Linguística pela UFRJ e graduada (Bacharelado e Licenciatura) em Letras (Português/ Literaturas) pela mesma universidade. Foi bolsista de Iniciação Científica do CNPq, na área de linguística, de 2008 a 2010, e bolsista de Pós-graduação em Linguística pela CAPES no mestrado (2011-2012-Capes/DS) e no doutorado Sanduíche (2016-2017-Capes/DGPU). Desenvolveu, nesse período, pesquisas na área de Linguística com interesse especial pelos temas de concordância verbal, língua e sociedade, processos de variação e mudança linguísticas e aspectos verbais do português. Foi investigadora visitante no Instituto de língua galega, durante o doutorado sanduíche, atuando no projeto "Gallego y português brasileiro: historia, variación y cambio"- USC/ILG. Também integrou, como voluntária (de 2007 a 2008), o projeto de pesquisa sobre letramento social e escolar em jovens e adultos vinculado ao PEUL/UFRJ. Possui experiência como professora da educação básica e superior, nas redes pública e privada, e como consultora pedagógica de exames nacionais de larga escala. Atualmente é professora de Linguística da UERJ, integra o grupo de pesquisa do NEPSOL-UFRR e coordena três projetos pela UERJ, dois de Extensão e outro de Iniciação à Docência, nas áreas de Neurociência da linguagem e educação e (socio)linguística e ensino.



<http://lattes.cnpq.br/9565890550117168>



<https://orcid.org/0000-0001-6986-9116>



Entrevistador

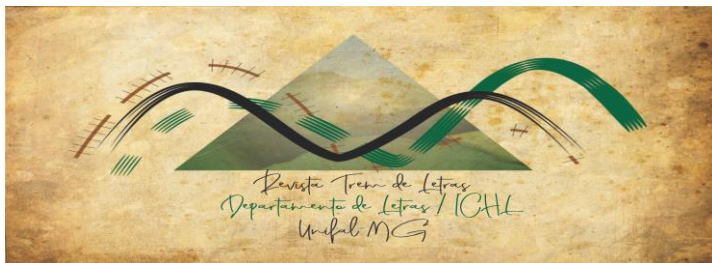
Cassiano Luiz do Carmo Santos



É doutor em Linguística pela UFRJ e membro da ABRALIN (Associação Brasileira de Linguística). Atualmente é professor EBTT do IFRJ (Instituto Federal do Rio de Janeiro), atuando no ensino médio e na pós-graduação (estudos linguísticos e literários - ELLit). Durante o mestrado, foi bolsista do CNPq. Tem vasta experiência na área de Letras, com ênfase em Linguística, Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Ensino de Línguas. Atuou como professor assistente na University of Texas-Pan American, nos Estados Unidos. Possui interesse nos temas: vinculação de orações (hipotáticas adverbiais), linguística funcional baseada no uso e, atualmente, na relação entre psicologia e linguística.



<http://lattes.cnpq.br/2779549090121631>



ENTREVISTA COM IVO DA COSTA DO ROSÁRIO¹

Por Quezia dos Santos Lopes Oliveira e Cassiano Luiz do Carmo Santos

Os estudos funcionalistas no Brasil

Quezia dos Santos Lopes Oliveira (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)²

Cassiano Luiz do Carmo Santos (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro)³

Ivo da Costa do Rosário (Universidade Federal Fluminense)

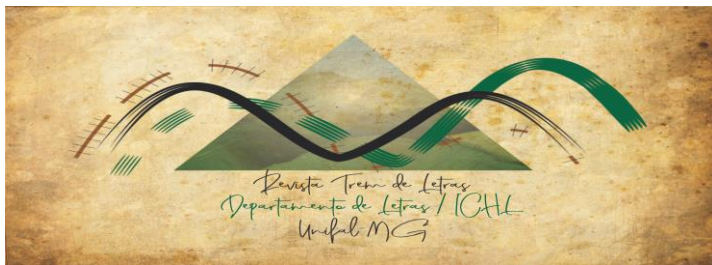
Introdução

Esta entrevista foi realizada, por via remota, através da plataforma *Google meet*, no dia 24 de novembro de 2021. O objetivo desta conversa foi debater sobre os estudos funcionalistas realizados no Brasil a partir da ótica de um dos grandes estudiosos na área. Ivo da Costa do Rosário discute neste texto questões referentes às perspectivas teórico-metodológicas da área, especificidades e contribuições dos estudos funcionalistas brasileiros frente ao cenário internacional, à agenda de trabalho das pesquisas na área, e aos encaminhamentos desses estudos no contexto atual; além de apresentar orientações gerais para novos pesquisadores na área. A longa trajetória do professor Ivo da Costa do Rosário na linha funcionalista, sua participação em importantes grupos de pesquisa na

¹ e-mail: rosario.ivo3@gmail.com

² e-mail: queziaslopes@gmail.com

³ e-mail: cassiano.santos@ifrj.edu.br



área e os trabalhos inaugurais que desenvolveu e orienta, nessa vertente, justificam a sua escolha para essa entrevista.

Resumo bibliográfico

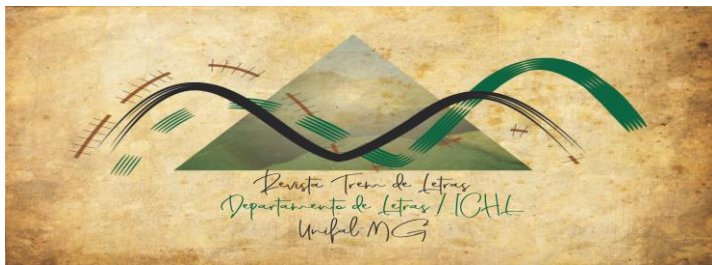
Ivo da Costa do Rosário é graduado em Letras pela UERJ, e em Pedagogia pela UNIRIO, tem três especializações na área de Letras/Educação, é Mestre em Letras pela UFRJ e pela UFF e Doutor em Letras pela UFF e pela UFRJ. Sua vasta produção bibliográfica compreende 35 Artigos em periódicos; 17 Livros publicados/organizados; 29 Capítulos de livros; 7 Textos em jornais ou revistas; 8 Trabalhos publicados em anais de congressos, e 14 produções bibliográficas técnicas (outras). Além disso, conta com 112 Apresentações de Trabalho e 70 Participações em bancas de trabalhos de conclusão, sendo 36 de mestrado e 34 de doutorado. Participou, e ainda atua, como membro ou coordenador, de importantes entidades e grupos de pesquisa. Também integra a comissão científica da área de Sintaxe da ABRALIN e é bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq, nível 2. É Jovem Cientista do Nosso Estado, com Bolsa FAPERJ. É perito judicial da área de língua portuguesa no Tribunal de Justiça do Estado do Rio Janeiro. Atualmente é professor associado de língua portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas e professor permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da UFF e atual vice-coordenador desse mesmo programa.

ENTREVISTADORES: *Gostaríamos de iniciar nossa conversa agradecendo sua disponibilidade em conceder-nos esta entrevista. Além de possuir um currículo excelente, você também é um dos grandes nomes da Linguística no Brasil, como demonstrado pelos*

Dossiê Pesquisa e divulgação científica na área de Letras

Revista Trem de Letras	Alfenas, MG	V. 8	n.3	1-23	e021008	2021
------------------------	-------------	------	-----	------	---------	------

ISSN 2317-1073



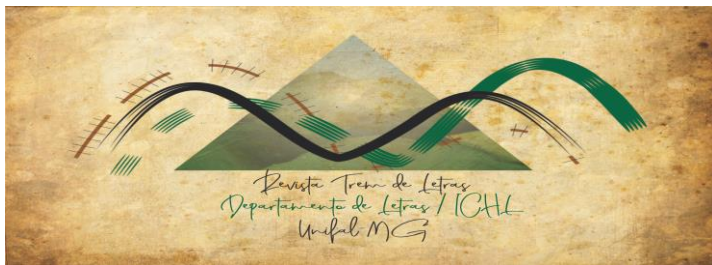
vários projetos que coordenou, artigos que publicou, instituições pelas quais passou, além de prêmios e títulos que conquistou. Como tudo isso começou? Quando surgiu seu interesse pelos fenômenos da linguagem?

ENTREVISTADO: Vamos lá! Desde que eu estava na escola, eu sempre tive muito interesse pela gramática e eu tinha grande paixão por inglês. Eu tive uma infância muito humilde. Eu nasci em São Gonçalo, mas eu vim para essa cidade aqui onde eu moro, com 2 anos de idade. Então eu praticamente sou daqui, de Cachoeiras de Macacu, no interior do Estado do Rio de Janeiro.

E eu sempre gostei de ensinar. Existia uma casinha abandonada, do lado da minha casa. E eu ia para lá quando criança, com 11, 12 anos, para ensinar as outras crianças da rua. Tinha uma mesa lá e eu pedia para cada criança levar um banquinho. E lá eu ensinava. Então, eu acho que esse desejo de ser professor vem desde a infância.

Estudei a vida toda em escola pública, e eu me lembro que quando comecei as aulas de inglês, na antiga quinta série, eu fiquei tão encantado que, a partir daquele momento, decidi: eu quero estudar inglês! Foi o que me ocorreu. Depois de terminar o fundamental, eu precisava trabalhar. Então eu fiz o curso normal pensando já em ter uma profissão, para eu me manter no curso superior.

Eu fiz Letras na FFP, na UERJ de São Gonçalo, e a minha grande motivação para ir para o curso de Letras foi a língua inglesa. Porém, quando eu entrei no curso de Letras, eu conheci a Linguística. Eu nunca tinha ouvido falar, e fui me encantando por esse outro lado do estudo da linguagem, um estudo científico. E, ao longo do curso, o meu interesse foi crescendo pela Linguística. Então, eu diria que o meu interesse, pela Linguística, surgiu no curso de graduação. Foi ali que eu fui desenvolvendo esse interesse pelos estudos científicos da linguagem.

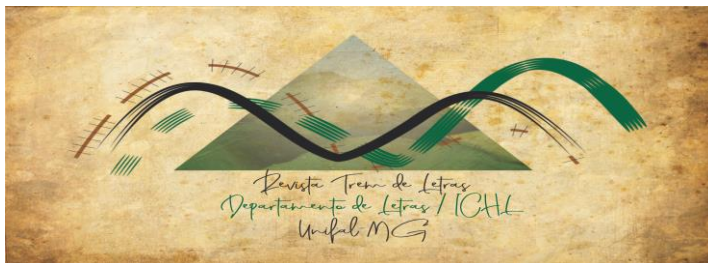


ENTREVISTADORES: *Só uma curiosidade agora. Você iniciou seus estudos já na linha funcionalista ou primeiro começou em outras vertentes, e passou posteriormente aos estudos nesta área?*

ENTREVISTADO: Enquanto eu estava na graduação, eu devo muito do meu interesse pela Linguística à professora Vitória Wilson. Foi numa aula dela, sobre sociolinguística, que começou o meu interesse pela área. Ela me apresentou alguns textos do professor Martelotta, da Maura, da Mariângela, que eu não conhecia. E eu comecei a ler aqueles textos; chegamos a agendar algumas reuniões para a gente discutir... Então, o primeiro contato mesmo foi nesse período, com a professora Vitória.

Quando eu fui tentar o mestrado, não me sentia ainda preparado para apresentar um projeto na área do Funcionalismo. Essa área de estudos também não era muito popular, eu acho, naquela época, no ano de 2003. Então, eu fiz um projeto na área de Sociolinguística, porque era a área em que eu tinha uma segurança maior. Daí, entrei no mestrado. No primeiro dia de aula na UFF, eu conheci a Mariângela. Aquela que eu tinha lido nos textos, conheci em carne e osso. Eu fiquei tão encantado com aquela aula de Funcionalismo, tão maravilhado que, ao final da aula, eu falei para ela que queria que ela fosse minha orientadora. E ali nasceu o “Ivo da Costa do Rosário” funcionalista. Na graduação, eu tive uns lampejos. Mas ali, com a Mariângela, na primeira aula do mestrado... eu fiquei muito encantado e sou encantado até hoje.

ENTREVISTADORES: *Chama atenção, na sua formação, a sua dupla titulação, tanto no mestrado quanto no doutorado, por duas diferentes Universidades brasileiras, não só pelo esforço demandado em cursar concomitantemente as duas, mas, principalmente, pelo*



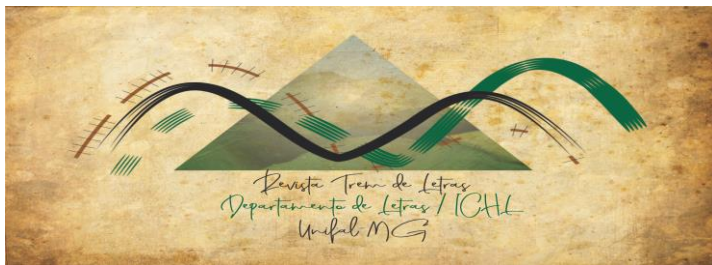
diálogo interinstitucional que sua formação te permitiu. Desta experiência, como você avalia o encaminhamento dado nessas universidades aos estudos na linha funcionalista? Há convergência de temas e interesses entre essas instituições?

ENTREVISTADO: Essa história é muito curiosa. Alguns poucos sabem. É o seguinte: eu estava ali na FFP fazendo a minha graduação português-inglês. Quando eu estava quase concluindo, fiz a seleção para especialização em língua portuguesa. Então comecei fazer especialização ali também. Sendo que... quando eu comecei essa especialização em língua portuguesa, eu já tinha iniciado uma outra em Docência do Ensino Fundamental e Médio, numa instituição privada de Itaboraí. Eu ganhei aquela pós-graduação em Itaboraí, e comecei fazer lá. A loucura começou já antes. Eu estava terminando uma especialização na FEITA (Fundação Educacional de Itaboraí), quando eu comecei essa em língua portuguesa, na UERJ. E, ao longo da especialização, surgiu o desejo do mestrado. Mas eu, com toda a honestidade, não me sentia preparado!

Eu achava que o mestrado era uma coisa de outro mundo. Não era para mim! Então, o que que eu fiz? Eu decidi me inscrever no processo seletivo do mestrado na UFF e na UFRJ. Com aquele pensamento... vamos ver onde eu passo, vamos ver se eu consigo passar... vou aqui ou lá.

E é curioso que eu tinha o desejo de estudar na UFRJ. Eu acho que pelo prestígio, pela história. É uma grande universidade, sem dúvida, mas me inscrevi na UFF também.

O primeiro resultado a sair foi o da UFF. Eu fiquei muito feliz por ter passado, muito maravilhado. Foi lá que eu tive essa aula com a Mariângela, e eu adorei a UFF! Eu tenho uma paixão pela UFF até hoje... eu achei tudo tão organizado, tão agradável. Depois saiu o resultado da UFRJ! E eu descobri que eu tinha sido aprovado lá também! Aí eu fiquei



na dúvida, falei: e agora? onde que eu fico? Eu queria UFRJ, mas eu já estava com o coração na UFF.

Resolvi ir para a UFRJ, para ver como seria. E lá eu conheci a professora Violeta Rodrigues, por quem também logo nutri grande admiração. Eu já estava gostando dos dois lados. Eu adorava ir para UFF, adorava ir para UFRJ. A UFRJ tinha mais uma “pegada” de língua portuguesa. A UFF era mais a Linguística Funcional. E, no final, eu sinto que aproveitei bem as duas experiências, juntando um pouco de cada coisa em meus trabalhos.

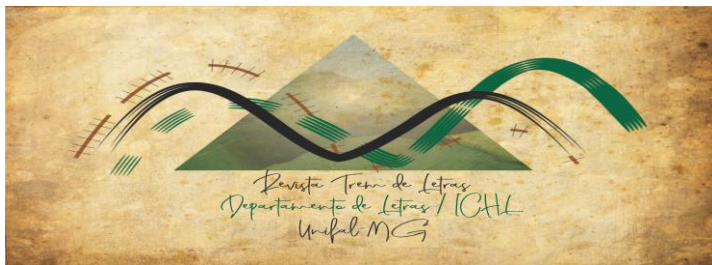
Então, comecei a fazer os dois mestrados, fui levando ambos ao mesmo tempo. Eu fiz a prova para ver onde eu ia passar. Acabei passando nos dois, fui experimentando, e fui ficando. Aí vem a história dos dois doutorados (risos).

Com os doutorados foi o seguinte... Eu defendi meu mestrado na UFF em maio, e na UFRJ em junho. E aí, na UFRJ, existe o processo seletivo no meio do ano; na UFF, não. E eu queria logo fazer o doutorado. Por mim, a essa altura, era indiferente cursar na UFF ou UFRJ. Mas, como a UFRJ já tinha aquele processo seletivo aberto, então eu falei: bem, vou fazer logo para adiantar minha vida.

Eu fiz a prova para o Doutorado na UFRJ e fui reprovado. Aquilo ali me deixou muito mal, muito chateado, sabe? Quem não fica ou quem não ficaria?

Aí eu deixei passar aquele semestre. Quando chegou mais para o final do semestre, abriu inscrição para o doutorado da UFF. E eu fiz minha inscrição, fiz meu pré-projeto.

Mas depois veio aquele pensamento de querer provar que eu conseguiria ser aprovado naquele doutorado, e eu fiz a seleção novamente também por isso: pelo gosto da aprovação. Aí fui aprovado nos dois. Na UFF, eu fiquei em primeiro lugar geral. E na UFRJ, eu fiquei em segundo lugar geral.

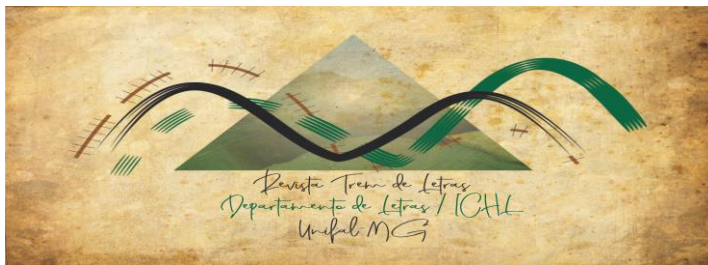


Aí pronto, e agora? O que que eu faço? Eu estou aprovado. Mas dois doutorados...isso é impossível! Eu não vou ter condições de fazer isso! Eu já trabalhava muito, e em muitos lugares. Assim, eu vivi um dilema muito grande, sinceramente. Contudo, fui levando os dois cursos, com muito cansaço e com doses de dedicação extremas, inclusive porque eu continuei morando em Cachoeiras de Macacu nessa época.

No terceiro ano do doutorado, ocorreu uma loucura maior ainda, pois precisei cursar mais uma graduação. Eu tinha uma matrícula em Itaboraí, eu trabalhava na Secretaria de Educação da cidade. E lá nós fomos fortemente recomendados a fazer Pedagogia para atuarmos na secretaria. E eu amava o meu trabalho na Secretaria de Educação. Eu trabalhava com projetos político-pedagógicos. Então, no meio dos dois doutorados, eu comecei Pedagogia, na modalidade EAD, pela UNIRIO, no polo de Rio Bonito. Quando concluí esses três cursos, senti até um certo vazio, já que eu estava muito acostumado a uma rotina bastante intensa.

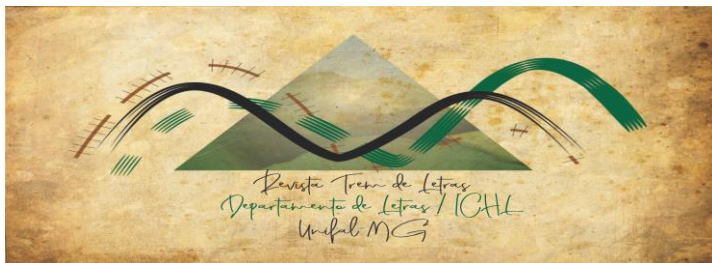
Então esse é o resumo dessa história dos mestrados, doutorados. Foi isso! Não foi nada assim... muito planejado, acabou acontecendo. Faria de novo? Acho que não, porque isso me trouxe um custo muito grande. Por outro lado, é claro, eu tive outras experiências, conheci mais pessoas, li mais.... Então eu acho que, por um lado, valeu a pena!

ENTREVISTADORES: *Ao longo da sua carreira acadêmico-científica, você se dedicou aos estudos na linha funcionalista, passando por temas como aspectos sintáticos e semânticos de itens, gramaticalização, e chegando aos estudos atuais sobre Gramática de Construções. Mais recentemente, criou e coordena, o “CCO - Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações”. Poderia falar um pouco mais sobre ele (objetos e objetivos de investigação, agenda de trabalho, resultados)?*



ENTREVISTADO: Então, quando eu comecei no mestrado, a gente estava numa fase dos estudos linguísticos funcionalistas, em que a gramaticalização era o paradigma de maior força. É o que a gente chama hoje, olhando para trás, sem nenhum demérito, de Funcionalismo Clássico. É como se fosse uma primeira etapa do Funcionalismo, em que a gente tem o professor Votre, Martelotta, nomes assim, a própria Mariângela, Maura, Angélica.

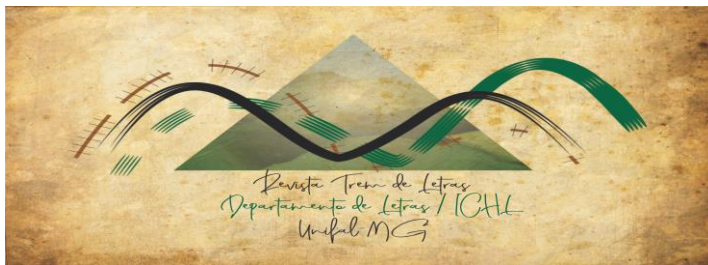
Então a minha pesquisa foi baseada no item, como na minha dissertação na UFF sobre o “até”, e na UFRJ sobre o “como”. Esse era muito o espírito científico da época, de a gente analisar os itens, estudar a gramaticalização dos itens. Quando eu já estava no doutorado, eu diria que o Funcionalismo estava numa fase de transição, porque a Gramática de Construções é um paradigma teórico que veio com muita força no mundo todo. E a gente começou a observar que os pressupostos construcionistas nos ajudavam a ter uma visão mais ampla dos objetos que a gente analisava no Funcionalismo. É um pouco essa a ideia. E também a gente tem um outro movimento muito próximo da Gramática de Construções, mas ao mesmo tempo distinto, que é a Linguística Cognitiva. A gente viveu e tem vivido um impacto muito forte da Linguística Cognitiva. Aliás, eu diria não apenas na Linguística, mas nas chamadas ciências da cognição. Então, ao longo dos últimos anos, houve uma aproximação da Linguística Funcional norte-americana com a Gramática de Construções e com a Linguística Cognitiva. O meu doutorado foi feito num período em que isso tudo ainda estava meio que em ebulição. Isso ainda não estava muito sedimentado, muito “casado”. Mas a minha tese de doutorado da UFF foi uma das primeiras, se não foi a primeira, tese funcionalista com pressupostos construcionistas. Eu acho que deve ter sido a primeira ou um dos primeiros trabalhos em que eu faço essa reunião de pressupostos teóricos. E hoje, olhando o Funcionalismo hoje, a gente pratica



a chamada Linguística Funcional Centrada no Uso, em que a gente já, digamos assim, consagrou essa aproximação da Linguística Funcional norte-americana com a Gramática de Construções e a Linguística Cognitiva. Isso já está bem consagrado, é a vertente teórica com a qual a gente trabalha. Quem foi fazendo esse refinamento teórico foi, sem dúvida, o grupo Discurso & Gramática, que tem três sedes: em Natal (na UFRN), no Rio de Janeiro (na UFRJ) e em Niterói (na UFF), que é o núcleo do qual eu faço parte. Então o D&G foi refinando esses pontos, com a colaboração de vários outros pesquisadores brasileiros, e a gente faz isso ainda. Ele se debruça muito, digamos assim, sobre essa questão teórica.

E como eu sempre fui muito interessado pelo período composto, isso tudo sempre chamou muito a minha atenção, e eu fui atraindo alunos interessados especificamente nesta temática. Assim, eu senti necessidade de, em 2015, fundar um grupo específico para tratar desses assuntos. E, ao que me parece, é o único no país dedicado especificamente ao estudo dos conectivos e da conexão de orações. Eu costumo brincar que o CCO é um braço ou é um filho do D&G. São grupos distintos, cadastrados no CNPQ como grupos diferentes, mas vários membros são comuns. E o que a gente faz no CCO hoje é um estudo funcionalista da conexão de orações e dos conectivos. Mas também a gente se abre à Linguística Cognitiva. A Linguística Textual também tem estado muito presente. Então, hoje eu sou o fundador e líder do CCO, e membro do D&G UFF, sob liderança da minha colega e parceira de trabalho, Prof^a Mariângela Rios de Oliveira.

ENTREVISTADORES: *Percebe-se também, pela análise do seu currículo, o interesse por temas relacionados ao ensino e à educação. Vimos que 8 anos após a sua graduação em Letras (português-inglês) pela UERJ, você se graduou em Pedagogia. Como foi cursar*

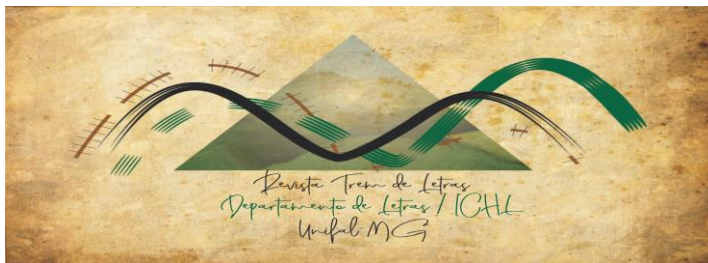


uma segunda graduação após uma longa trajetória acadêmica? E que reflexos essa formação tem sobre os seus trabalhos?

ENTREVISTADO: Eu costumo dizer que eu sou uma das pessoas mais realizadas profissionalmente, sabe? Porque eu adoro o que eu faço. Eu gosto muito de ser professor universitário, de ser pesquisador, professor do ensino superior... Mas eu tenho também um interesse muito forte na Educação Básica. Então, cursar Pedagogia se deu, primeiro em função daquilo que eu contei para vocês, do meu trabalho em Itaboraí, e segundo porque eu, na verdade, nunca me desvinculhei, ainda bem, da Educação Básica. Sempre estou desenvolvendo projetos, formações... Agora mesmo a gente está com um projeto em Niterói para formação de professores em Língua Portuguesa.

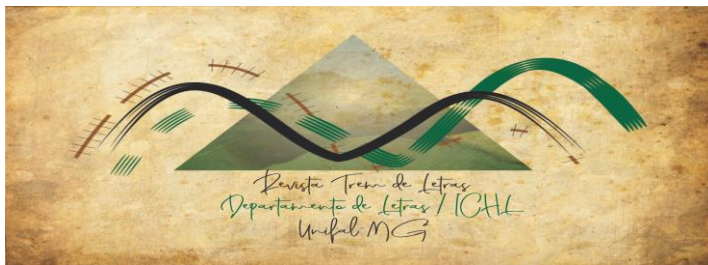
Então isso me motivou a também fazer Pedagogia e eu me sinto...digamos assim...mais preparado, de certa forma, por ter essa formação adicional e também por eu ter dedicado quatorze anos da minha vida ao ensino fundamental e médio. Eu trabalhei em escola, da alfabetização até o terceiro ano do ensino médio, regular e EJA, durante quatorze anos, antes de entrar na UFF. Então o curso de Pedagogia entrou muito nesse contexto. E eu repito: continuo com um forte interesse na Educação Básica. Inclusive, nos trabalhos que a gente desenvolve no D&G, no CCO, a gente tem sempre essa preocupação também da transposição didática. Isso é uma coisa sobre a qual a gente está sempre refletindo. Isso também se reflete nas minhas produções. Eu tenho produzido alguma coisa nessa área também de ensino de conexão, de conectores.

ENTREVISTADORES: *Como você julga a relação entre a intervenção/aplicação real e potencial dos estudos de base funcionalista para o ensino na educação básica brasileira?*



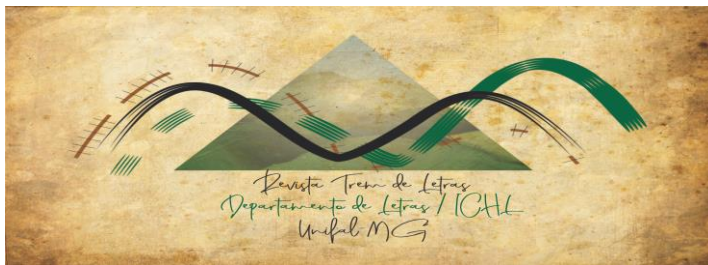
ENTREVISTADO: É uma ótima pergunta! Eu acho o seguinte: a pesquisa teórica tem toda a sua validade, tem o seu lugar e ocupa boa parte da minha preocupação. A gente precisa investir no desenvolvimento da teoria. Por outro lado, observando o desafio que é a educação pública brasileira, eu me sinto muito motivado também a trabalhar nessa área. Então, o CCO tem muito claro isso: que a gente precisa oferecer uma contribuição à educação pública. Inclusive, uma das nossas atividades é o que a gente tem chamado “Diálogos com a educação básica”, em que a gente convida especialistas, que trabalham com a área de ensino, para conversar com os professores sobre educação. E nesse exato momento a gente tem um projeto, já citei aqui, com a prefeitura de Niterói. E todo o nosso esforço vai ser justamente na tentativa da transposição do que a gente faz de pesquisa teórica para o ensino de língua portuguesa.

Hoje mesmo eu falava, numa reunião desse projeto, que a gente tem muita pesquisa, de muita qualidade, produzida no ambiente acadêmico, inclusive sobre o ensino, mas muitas vezes isso fica adormecido em teses, dissertações, em uma linguagem muito acadêmica. Então a gente se sente impelido a olhar isso tudo e ver o que efetivamente pode ser aproveitado pela escola, sempre em uma perspectiva de diálogo. Quer dizer, a gente não vai ensinar a escola a trabalhar, a gente vai falar um pouco do que a gente faz e, ao falar, vamos necessariamente ouvir o que a escola tem a nos dizer. É uma via de mão dupla, certamente. E, nesse diálogo, a gente acredita que possa colher alguns frutos. Então, o nosso trabalho, em algum momento, é eminentemente teórico, e em outros, a gente propõe esse diálogo da teoria linguística com a prática de sala de aula. A gente acredita muito nisso.



ENTREVISTADORES: *Como você caracteriza os estudos funcionalistas realizados no Brasil nos últimos anos? Que avanços a pesquisa funcionalista brasileira experimentou neste período?*

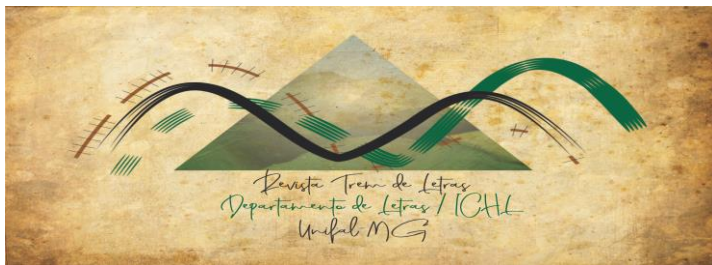
ENTREVISTADO: Quando a gente fala em Funcionalismo, a gente se refere a um grande guarda-chuva. A gente tem a Linguística sistêmico-funcional, a linha de Dik, a GDF (Gramática Discursivo-funcional), de Hengeveld e Mackenzie etc. Eu vou falar do meu lugar, que é o que se tem chamado de Linguística Funcional Centrada no Uso. Essa é uma vertente, conforme já disse aqui, que reúne pressupostos da Linguística Funcional com a Gramática de Construções e a Linguística Cognitiva. Num cenário internacional uma das autoras com que mais nos aproximamos é Bybee, que é uma autora muito lida, a exemplo de seu livro famoso “Língua, cognição e uso”. Porém, quando a gente se encontra com grandes nomes internacionais, como Elizabeth Traugott, Graeme Trousdale e tantos outros nomes, a gente observa que a nossa linguística brasileira é uma linguística muito pautada nos dados. A gente trabalha fortemente com corpus e, muitas vezes, olhando o trabalho desses professores, desses pesquisadores, vemos que, recorrentemente, os exemplos, os fenômenos ilustrados se repetem, tal como as análises do “going to” e do futuro com “will”. A linguística brasileira, por outro lado, se debruça sobre uma diversidade de fenômenos. Então, a gente tem um desafio muito grande, que é encontrar, na literatura internacional, apoio para as nossas análises empíricas e, muitas vezes, nem sempre isso é possível. Essas situações nos impelem a criar uma solução para aquele nosso trabalho. Isso ocorre dentro da minha própria área, de integração de orações. A própria gramática de construções, apesar de dizer que tudo é construção, que a língua é um inventário de construções, não nos oferece ainda o devido arcabouço para todos os casos. Praticamente a gente não encontra trabalhos sobre período composto,



tomando-o como uma construção. Pelo menos, eu não tenho conhecimento de um trabalho nesse recorte. Essa diversidade de temas, de fenômenos abordados, marca os nossos trabalhos. A linguística brasileira é uma linguística de muito boa qualidade, e isso é ressaltado, inclusive, por esses grandes nomes internacionais que eu citei aqui. Acho que linguística brasileira conseguiu avançar para dar conta de fenômenos reais da língua em uso. A gente se debruça, de fato, sobre a morfologia, a sintaxe, sobre as questões semântico- pragmáticas do português. Acho que isso é um grande avanço.

ENTREVISTADORES: *Então, em função dessa natureza da nossa pesquisa brasileira, de ser centrada em corpus, você acredita que, às vezes, falta uma metodologia para lidar com esses dados, o que faz com que muitos estudiosos recorram a metodologias de áreas afins, como a sociolinguística?*

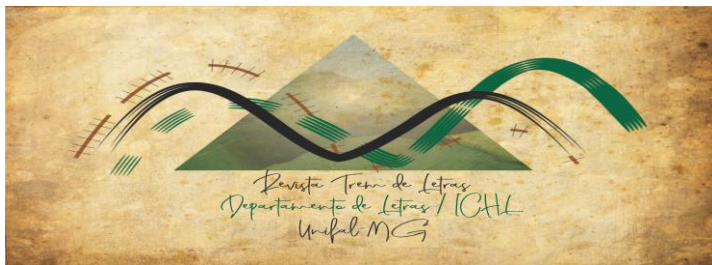
ENTREVISTADO: Essa pergunta é a pergunta de ouro. A gente percebe isso também. Grosso modo, a gente conta com duas obras, duas referências básicas que tratam de metodologia e que estão sempre presentes nos trabalhos, que é Martelotta (2009) e Cunha Lacerda (2016). O trabalho de Martelotta é um capítulo de um livro publicado em CD, em que ele tratava da metodologia e fazia uma crítica justamente nesse sentido, de que a gente não tinha uma metodologia própria e, por conta disso, éramos levados a utilizar pressupostos da Sociolinguística. Não que isso esteja ruim, mas é necessário ter uma metodologia própria dentro desse escopo teórico. Mais recentemente, em 2016, uma pesquisadora que tem se dedicado a questões de metodologia funcionalista e publicado textos nessa área é a professora Patrícia Fabiane Cunha Lacerda, da UFJF. Esses são dois trabalhos, digamos assim, isolados, para tentar suprir essa lacuna. Mas temos uma novidade neste sentido: acabamos de escrever um livro sobre metodologia funcionalista



e submetê-lo a edital para publicação. Eu estou na organização desse livro, que conta com vários especialistas do Brasil. Se aprovado, temos a certeza de que vai ser uma contribuição enorme para as pesquisas em âmbito nacional, porque essa é uma lacuna que temos na área.

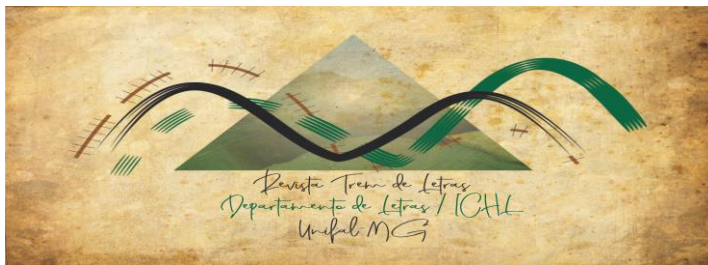
E outra novidade que vale a pena destacar é o livro “Introdução à Linguística Funcional Centrada no Uso- teoria, método e aplicação”, escrito por mim, pela Mariângela e pelo Monclar. Ele já está em vias de publicação, em e-book, pela editora da UFF, para circular gratuitamente entre o grande público. É uma maneira de dar a conhecer o que a gente faz. A novidade desse livro é ser dirigido especificamente a alunos de graduação, cobrindo, portanto, outra lacuna que temos: a de um texto na área mais introdutório e com uma linguagem voltada a esse público, tendo em vista que toda nossa bibliografia também é muito ligada à pós-graduação, aos pesquisadores experientes. Nele, a gente conta um pouco da história do Funcionalismo, apresenta os conceitos teóricos da área e discute questões mais complexas de maneira mais didática, de modo a introduzir o aluno nesses estudos e suprir essa necessidade de tornar o tema mais acessível a eles. Essas são duas obras interessantes, e sem correlato no exterior, ou seja, algo nosso. Isso também vai ao encontro daquilo que estávamos conversando sobre essa linguística brasileira. Eu, particularmente, fico orgulhoso de estar envolvido e de liderar esses dois projetos.

ENTREVISTADORES: *De modo geral, falamos de duas vertentes básicas funcionalistas: a americana (estadunidense) e a europeia. Porém, nas perguntas anteriores dessa entrevista, comentamos sobre os avanços da pesquisa funcionalista no Brasil e sobre as especificidades dos nossos trabalhos. Você acredita que, em função dessa especificidade, podemos falar em uma vertente brasileira do Funcionalismo? Em que medida os estudos realizados no Brasil se afastariam desses outros modelos?*



ENTREVISTADO: É preciso só ter um cuidado de considerar que a gente está falando aqui de desenvolvimentos recentes do Funcionalismo de vertente norte-americana. É importante demarcar bem este território, porque eu não poderia falar, por exemplo, da Linguística sistêmico-funcional, da Gramática discursivo-funcional e de outras vertentes teóricas do Funcionalismo. Aliás, de vez em quando, a gente também se aproxima. A gramática de Halliday, por exemplo, também tem sido utilizada em alguns trabalhos nossos, porque é uma gramática que aprofunda a questão da integração de orações, quando ela trata do eixo tático e do eixo lógico-semântico. Essa é uma teorização interessante para dar conta da combinação de orações. A gente não encontra isso no Funcionalismo norte-americano de modo tão detalhado. Porém, apesar de a gente ler um pouco do Halliday também, seria muito precipitado, prematuro dizer que é uma reunião de postulados teóricos. Não existe essa reunião teórica, mas um aporte, na verdade, para algumas pesquisas. Quanto a essa consideração de uma Linguística brasileira, não é algo consagrado. A gente não fala nisso, mas aqui, neste momento, eu poderia dizer que sim, que fazemos um trabalho que tem muito a nossa marca, e isso é reconhecido internacionalmente. A gente pode dizer, nesse sentido, que a gente tem desenvolvido uma vertente brasileira do Funcionalismo por conta, por exemplo, dessa nossa particularidade de um trabalho muito pautado nos dados.

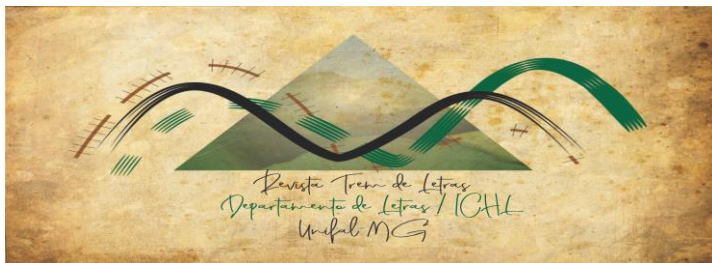
ENTREVISTADORES: *Sem a presunção de que conseguimos abordar toda a extensão dos estudos funcionalistas, mas confiantes de que discussões como esta podem ter o potencial de instigar possíveis novos pesquisadores a se debruçarem sobre estes temas que abordamos aqui, gostaríamos de fechar nossa entrevista pedindo que você deixe algumas orientações a quem queira iniciar nos estudos funcionalistas. Que leituras*



básicas você indicaria a essas pessoas e qual seria a principal agenda de trabalho de um estudo nesta vertente a que esta pessoa teria que se dedicar?

ENTREVISTADO: Considerando o avanço tecnológico que a gente tem hoje em dia, nós temos muito material de qualidade disponível na rede, mas a dica que eu dou é que, se a pessoa tem interesse em iniciar na área, é bom procurar os grupos de pesquisa que se debruçam sobre esses assuntos. A gente tem alguns nas universidades brasileiras. Aqui no Rio de Janeiro a gente tem um reduto forte com vários lugares que fazem esse tipo de pesquisa. Além disso, costumo indicar os textos clássicos do Funcionalismo. Como leitura básica, recomendamos a obra “Linguística Funcional: teoria e prática”, de Maria Angélica Furtado da Cunha, Mariângela Rios de Oliveira e Mário Eduardo Martelotta, que é um dos primeiros na área, e é muito usado até hoje. Há, ainda, o livro “Linguística Funcional Centrada no Uso”, que a professora Mariângela e eu organizamos, que também reúne trabalhos funcionalistas. Ainda posso citar outro livro muito usado, intitulado “Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta”, organizado por Maria Maura Cezario e Maria Angélica Furtado da Cunha. Essas são obras mais introdutórias que costumo indicar aos meus orientandos. Porém, há de se considerar que essas são leituras, podemos dizer, complicadas, complexas, porque são escritas mais diretamente para um público de pós-graduação. Por conta disso, seleciono mais cuidadosamente alguns capítulos mais específicos para indicar a alunos com pouco contato na área, como aqueles que acabaram de ingressar no mestrado.

E algo que eu sempre digo para os meus alunos, meus orientandos, quando eu dou aula na pós, é que, para ser um bom funcionalista, é preciso estar muito atento à linguagem. Sempre digo: ouçam o que as pessoas estão falando! Quando vocês forem ler, não olhem só o conteúdo, olhem a estrutura também. É a partir daí que muitos dos

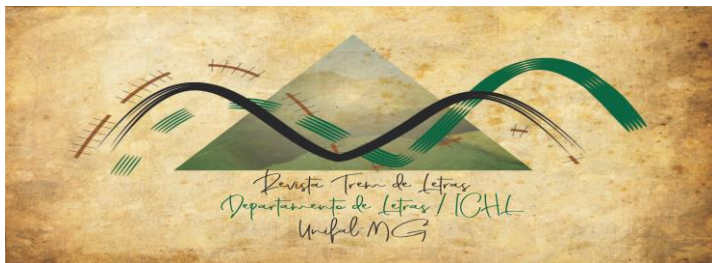


nossos objetos surgem. Tive experiências de trabalhos orientados que surgiram assim, de contextos de nossas conversas durante a aula.

Em resumo, muitos fenômenos, muitos objetos de pesquisa nascem da nossa interação, às vezes até informal. Conversando com familiares, ouvindo uma música ou pessoas conversando na rua, me deparo com potenciais objetos de estudo. Portanto, o linguista, não só o funcionalista, tem que estar atento à língua, a toda interação social, a tudo aquilo que a gente ouve, a tudo que a gente escreve, que lê.

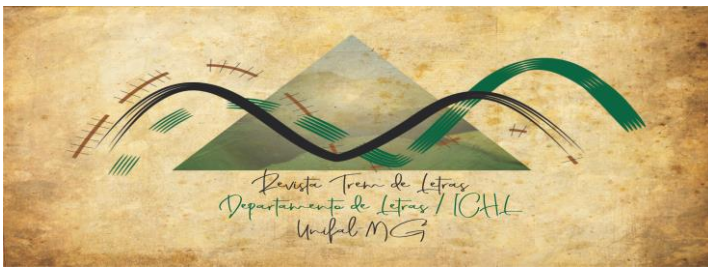
ENTREVISTADORES: *Professor, queremos terminar esta entrevista agradecendo mais uma vez a sua contribuição. Foi uma conversa muito prazerosa, esclarecedora e inspiradora. Sinta-se à vontade caso queira acrescentar alguma consideração final.*

ENTREVISTADO: Quero agradecer também e dizer que sou uma pessoa com muitos sonhos ainda, mas posso dizer que eu já alcancei muito mais do que imaginei. Eu furei o bloqueio mesmo, sabe? Considerando a minha situação econômica, a da minha família, considerando o lugar onde eu vivi, com toda a falta de tudo, fazer faculdade era um sonho. Fazer doutorado era algo totalmente fora do meu radar, fazer dois, então... Sou muito grato e realizado por fazer o que faço e por ter chegado até aqui. Tomara que mais jovens se inspirem e que ingressem nesse espetacular mundo da pesquisa científica. É muito gratificante!



Referências

- BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CEZARIO, Maria Maura; CUNHA, Maria Angélica Furtado. (Org.) *Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro; Mauad x Faperj, 2013.
- CUNHA, Maria Angélica Furtado da Cunha; OLIVEIRA, Mariângela Rios; MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Linguística Funcional: teoria e prática*, Rio de Janeiro: DP & A, 2003.
- CUNHA LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral. O papel do método misto na análise de processos de mudança em abordagem construcional: reflexões e propostas. *Linguística*, v. 12, p. 83-101, 2016.
- MARTELOTTA, Mário. Funcionalismo e metodologia quantitativa. In: OLIVEIRA, Mariângela Rios de; ROSÁRIO, Ivo da Costa (Org.). *Pesquisa em Linguística Funcional: convergências e divergências*. Rio de Janeiro: Leo Christiano Editorial, 2009, p. 1-20.
- OLIVEIRA, Mariângela Rios; ROSÁRIO, Ivo da Costa (Org.) *Linguística Centrada no Uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina x Faperj, 2015.
- TRAUGOTT, Elizabeth C.; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.



Functionalist studies in Brazil

Quezia dos Santos Lopes Oliveira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Cassiano Luiz do Carmo Santos

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro

Ivo da Costa do Rosário

Universidade Federal Fluminense

Abstract

In this interview, professor and researcher Ivo da Costa do Rosário, one of the most important Brazilian names in the studies of functionalism, talks a little about his professional career, his experience in this area of investigation, and comments on some characteristics of the research carried out in Brazil within Usage-Based Functional Linguistics. Throughout this conversation, the interviewee answers about the specific nature and applications of these studies, signaling the advances experienced in the area in recent years.

Keywords: Functionalism. Functionalist research.